

# REVOLUÇÃO DE 32



# REVOLUÇÃO DE 32

A FOTOGRAFIA E A POLÍTICA

Este trabalho foi realizado em conjunto pelo Núcleo de Fotografia da Funarte e pelo Subsetor de Audiovisual do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas.

#### **Agradecimentos**

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq  
Financiadora de Estudos e Projetos — FINEP  
Museu da Imagem e do Som — São Paulo  
Arquivo de *Nosso Século* da Abril Cultural  
Jairo Severiano, que realizou a pesquisa musical e editou fitas  
músicas da época

#### **Núcleo de Fotografia**

Coordenação: Pedro Vasquez  
Coordenadores das exposições: Evandro Ouriques e Nadja Peregrino  
Conceituação e montagem: pela Funarte — Elizabeth Carvalho,  
Evandro Ouriques, Nadja Peregrino, Solange Zúñiga e Zeka Araújo,  
pelo CPDOC/FGV — Anita Murakami, Lucia Lahmeyer Lobo e  
Maurício Lissowsky  
Projeto Itinerância de Exposições: Ângela Magalhães  
Apoio administrativo: Durval Araújo, Sandra Regina dos Santos Souza

#### **Fundação Getúlio Vargas/CPDOC/Subsetor de Audiovisual**

Concepção e coordenação: Anita Murakami  
Pesquisa iconográfica: Lúcia Lahmeyer Lobo  
Pesquisa de legendas: Maurício Lissowsky  
Organização do acervo: Cássia Maria Mello da Silva  
Reproduções fotográficas em P&B: Júlio Sérgio Brasileiro de  
Alcântara  
Reproduções fotográficas em cor: Studio Oficina

#### **Departamento de Editoração**

Coordenação: Vera Bernardes  
Edição de texto: Afonso Henriques de Guimarães Neto  
Revisão: José Carlos Campanha  
Programação visual: Ana Monteleone  
Composição: David J. Santos  
Arte-final: José Ferreira Leça  
Produção gráfica: Sergio de Garcia

#### **Fotolitos**

Kodak Comércio e Indústria Ltda.

#### **Capa**

Montagem sobre fotografia de autor  
desconhecido. *Abril/Nosso Século* cortesia  
Evelina Fonseca Caldeira

## APRESENTAÇÃO

A importância da Revolução Constitucionalista de 1932 para a história contemporânea do Brasil e a existência de farta documentação fotográfica e propagandística sobre o tema, despertaram-nos para a relevância da prospecção dessas fontes. Nosso propósito foi dar prosseguimento ao trabalho que temos desenvolvido no sentido de valorizar a fotografia e outros registros visuais como fontes históricas.

Com este objetivo, consultamos, em São Paulo, os arquivos da Coleção Nosso Século da Abril Cultural, do Museu da Imagem e do Som, de *O Estado de São Paulo*, de *A Gazeta*, de Paulo Nogueira Filho (que se encontra na Academia Paulista de Letras) e os acervos dos museus da Sociedade dos Veteranos de 1932, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Museu do Ypiranga e do Museu da Polícia Militar. No Rio, pesquisamos o arquivo de *O Globo* e o acervo do CPDOC, particularmente, os arquivos de Bertoldo Klinger, Getúlio Vargas, Gustavo Capanema e Osvaldo Aranha. Graças aos apelos veiculados pelos jornais, rádio e televisão, divulgando nosso trabalho, tivemos acesso a valiosa documentação que enriqueceu o acervo do CPDOC sobre a Revolução de 1932. Fotografias de família como as de Guilherme Figueiredo, Odete Diniz Junqueira e Paulo Leopoldo e Silva Castanho e de colecionadores interessados no evento como Yasuhiko Nakamura, foram emprestadas ao CPDOC para serem reproduzidas. O material de propaganda utilizado na exposição foi selecionado da coleção doada ao CPDOC pelo revolucionário constitucionalista Roberto Costa.

Em textos literários, panfletos, jornais e revistas do período buscamos depoimentos que servissem de ilustração aos documentos visuais e complementassem a reconstituição do ambiente revolucionário em São Paulo.

A proliferação de imagens sobre os acontecimentos, causada pelo impacto do movimento, fornece um valioso testemunho que permite ao público, 50 anos após a revolução, familiarizar-se com seu passado.





A guerra civil deflagrada em 9 de julho de 1932 assinala a impossibilidade de conciliação entre São Paulo e o Governo Provisório de Getúlio Vargas.

A Revolução de 1930 reduz a participação de São Paulo nas decisões políticas nacionais, golpeando duramente a autonomia paulista com a nomeação para o governo do estado de militares identificados com o movimento tenentista.

Em poucos meses o 'caso' paulista assume graves proporções, mobilizando a opinião pública do país em torno da intensa disputa travada pelo controle político do estado. A crise econômica que atinge a lavoura, a indústria e o comércio acentua o descontentamento com o Governo Provisório e com os tenentes.

A partir de fevereiro de 1932 o movimento de oposição é impulsionado com a formação da Frente Única Paulista. Superando antigas divergências, o Partido Republicano Paulista e o Partido Democrático unem-se na frente única, e com o apoio das ligas políticas, associações de classe e entidades de profissionais e de estudantes, conduzem a campanha pela restauração da ordem constitucional e da autonomia de São Paulo.

No dia 23 de maio o centro de São Paulo transforma-se em palco de gigantesca manifestação. Sob aclamação popular, o secretariado integrado por elementos de confiança do Governo Provisório é substituído por políticos da frente única. O comício que tomou conta das ruas da

capital resulta no empastelamento dos jornais tenentistas *O Correio da Tarde* e *A Razão* e no cerco da sede do Partido Popular Paulista. No tiroteio entre manifestantes e membros do partido, morrem os jovens Miragaia, Martins, Drausio e Camargo, cujas iniciais dão origem à principal organização criada para mobilizar a população durante a guerra, o MMDC.

A intensificação das conspirações revolucionárias atrai as oposições estaduais e os setores insatisfeitos das Forças Armadas com o poder crescente dos tenentes. Com o apoio da Força Pública Paulista e a adesão do general Isidoro Dias Lopes, do coronel Euclides Figueiredo e do general Bertoldo Klinger — comandante da Circunscrição Militar de Mato Grosso — a base militar do movimento começa a constituir-se.

Declarada a revolução, os paulistas surpreendem-se sozinhos na luta contra o Governo Provisório, pois falhara a cooperação prevista de gaúchos, mineiros e mato-grossenses. São Paulo, despreparado militarmente para enfrentar a guerra, conta apenas com os contingentes da Força Pública e a guarnição militar sediada no estado.

Através de intensa mobilização civil, a população empenha-se em todas as atividades essenciais à luta, buscando suprir sua deficiência bélica. Poucas horas após a eclosão do movimento, entidades como a Liga de Defesa Paulista, o Instituto do Café e a milícia civil MMDC lançam ampla campanha de arregimentação de voluntários.

Formam-se os batalhões Universitário, Esportivo, Índio e a Legião Negra, entre outros. Os serviços de alistamento, assistência, abastecimento e correio militar são centralizados no MMDC.

A indústria empreende enorme esforço de guerra, produzindo capacetes de aço, armas e munições sob a coordenação da federação das indústrias. O poder de improvisação dos paulistas se manifesta na adaptação de antigos chassis em carros de combates, e em trens blindados. Torna-se célebre a invenção da *matraca*, engenhoca utilizada nas trincheiras com o objetivo de simular o ruído de metralhadoras em funcionamento.

A mulher participa ativamente do movimento, colaborando desde a confecção de uniformes e bandeiras até a arrecadação de donativos pelas ruas. É ela ainda a principal responsável pelas vultosas contribuições para a campanha do Ouro para o Bem de São Paulo, promovida pela associação comercial.

A assistência médica é prestada nos postos da Cruz Vermelha espalhados pelos *fronts*, onde os soldados também são socorridos nos trens transformados em hospitais e nas ambulâncias, cinco das quais doadas pela colônia alemã de São Paulo.

A intensa propaganda dos ideais constitucionalistas mantém a população permanentemente mobilizada. Espalham-se pelas cidades cartazes convocatórios, cartões-postais, emblemas, hinos e paródias musicais sobre a revolução. Crianças desfilam pelas ruas em uniformes militares e com canhões em miniatura. Através da Rádio Record chegam aos ouvidos os apelos dos políticos e as notícias sobre a guerra na voz do locutor César Ladeira. Multiplicam-se as fotografias de cenas da cidade e dos combates,

que são difundidas através dos jornais e das revistas. Os registros de fotógrafos profissionais e amadores fornecem o testemunho ansiosamente aguardado pela população.

Os batalhões de voluntários lutam lado a lado com as tropas regulares, ocupando posições estratégicas ao longo das fronteiras do estado.

Na frente norte, as tropas legalistas são comandadas pelo general Góes Monteiro e os combates estendem-se do vale do Paraíba, na fronteira com o Estado do Rio, até a serra da Mantiqueira, na fronteira com Minas Gerais. Aí destaca-se a 'frente do Túnel', onde os paulistas procuram impedir a passagem das tropas legalistas chefiadas pelo coronel Cristóvão Barcelos. Na frente sul, as tropas do governo federal são comandadas pelo general Waldomiro Castilho de Lima.

O desenrolar da luta revela a superioridade militar das forças federais que avançam sobre as linhas de combate dos revolucionários, cuja reduzida quantidade de armamento e de aviões impede uma ação ofensiva. Em 1º de outubro a Força Pública Paulista firma a paz em separado com o governo, sendo acusada pelos revolucionários de impor uma derrota humilhante ao estado. Presos os constitucionalistas, a liderança do movimento segue para o exílio, na Europa, a bordo do *Siqueira Campos*. Com a nomeação do general Waldomiro Lima para o governo militar de São Paulo encerra-se a tentativa de se constitucionalizar o país pelas armas.

Lucia Lahmeyer Lobo

### O caso da Revolução Constitucionalista

Uma análise superficial e apressada do legado fotográfico da Revolução de 32 nos deixa com a falsa impressão de que tudo não passou de uma alegre gincana política, promovida por animados paulistanos com o fito de obter a Constituição. A gincana foi perdida. Neca de Constituição. E, como castigo, os perdedores tiveram que partir para a Europa, a bordo do confortável transatlântico Siqueira Campos.

Exagero? Simplificação abusiva? Não, simplesmente a leitura desejada, e sub-repticiamente orientada, das fotografias, entre as quais imperam os sorrisos entusiásticos, e estão ausentes os olhares de medo ou hesitação e os rictos de dor. A julgar pelas fotografias, essa foi apenas mais uma das revoluções sem tiros, especialidade do 'homem cordial brasileiro'.

A grande maioria dos clichês registra unicamente os preparativos, deixando de lado a ação. Temos imagens da mobilização de contingentes otimistas, que posam para a objetiva como turbulentos colegiais em excursão; dos donativos de ouro para a campanha; dos famosos capacetes de aço, dos petiscos oferecidos aos soldados pelas senhoras de Lorena. . . Mas nem sombra de violência. E, quando vemos uma arma de fogo, ela é empunhada com estudada displicência, como a espingarda Winchester com a qual um elegante constitucionalista, de chapéu e terno escuro, barra o

caminho numa rua de São Paulo — tendo a precaução de manter os dedos bem longe do gatilho. Somente os danos materiais são inventariados: aqui uma ponte destruída, ali um telhado ou um muro demolido. Nunca mortos ou feridos, para não descompatibilizar o povo com a revolução. Nada de fome ou sangue. Ao invés disto, soldados fartamente equipados e alimentados que telefonam numa espécie de 'orelhão de campanha', escrevem cartas com o abandono de uma criança entretida com um brinquedo, ou lavam os uniformes para enfrentar o inimigo limpos de corpo e alma.

As imagens preservadas demonstram claramente que, menos de um século após o anúncio oficial da invenção da fotografia, ela já era astuciosamente explorada no Brasil com fins de propaganda política — como sempre o foi em todo o mundo desde 1855, quando o inglês Roger Fenton inaugurou a fotografia política ao registrar a Guerra da Criméia com a mesma ilusória alienação (1) com que os anônimos fotógrafos paulistas documentaram a Revolução Constitucionalista de 32.

### Os Precedentes Históricos

Vital para controlar o acesso dos russos ao Mediterrâneo, a Guerra da Criméia hoje só é, quase que exclusivamente, lembrada pela odisséia de Fenton, que, munido de uma carroça-laboratório e operando em condições climáticas adversas (o calor era tal, que freqüentemente as chapas secavam antes de serem usadas) (2), trouxe para a Inglaterra cerca de



trezentos negativos — aquela que deveria ser ao mesmo tempo a primeira reportagem fotográfica de guerra, e o primeiro exemplo de manipulação política da fotografia. Subvencionado pelo governo, Fenton estava impossibilitado de fazer uma reportagem imparcial. Suas diretrizes eram, ao contrário, bastante claras: ele não devia fotografar nada que pudesse abalar o moral das tropas, ou tornar a guerra impopular. Foi assim que, tendo como pretexto para a parcialidade de sua visão problemas técnicos reais, Fenton focalizou apenas soldados corados e bem dispostos, que divertiam-se jogando cartas, fumando cachimbo, tomando vinho ou escrevendo para casa. Se por um lado é bem verdade que o equipamento pesado, frágil e lento não permitia registrar as batalhas com precisão, por outro lado fica patente que ele desviou propositalmente a objetiva dos chamados ‘horrores da guerra’, as perdas humanas e materiais (3).

Tais horrores só seriam mostrados seis anos mais tarde, em 1861, quando Matthew B. Brady, consciente da importância do momento histórico que vivia, formou uma equipe para fotografar todos os aspectos da Guerra de Secessão Americana (1861-1865). A completa autonomia de Brady permitiu uma grande liberdade de atuação, e o registro fiel das devastações da guerra, mas teve a desvantagem acessória de conduzi-lo à ruína. Seja como for, é nas fotos de Brady e seus colaboradores, sobretudo Alexander Gardner (que abandonou-o para formar sua própria equipe), que a guerra é focalizada sem retoques pela primeira vez — e no entanto eles operavam com as mesmas limitações técnicas de Fenton, o que evidencia seu comprometimento político.

O impacto provado pelas imagens de Brady, Gardner & Cia, alertou os

governantes sobre o poder de persuasão da fotografia, o que acelerou, simultaneamente, os processos paralelos de censura e de propaganda política através da fotografia, que perduraram até o fim da Segunda Grande Guerra. John Morris, editor de fotografia da revista *Life* na Inglaterra, na década de 1940, denunciou esta situação ao confessar que não podia liberar nenhum documento comprometedor para os aliados durante a guerra. A orientação dada pelo censor era a de mostrar que a maneira de combater dos aliados era ‘limpa’, e a dos inimigos torpe e covarde. As imagens chocantes deviam ser descartadas — procedimento comum aliás aos dois campos. “Os alemães”, lembra Morris, “nunca publicaram uma foto de Hitler inspecionando as câmaras de gás. Os japoneses não viam imagens dos homens esmagados em Pearl Harbor, apenas fotos aéreas da vitória. Da mesma forma que nós fotografamos o cogumelo fotogênico da Bomba de Hiroshima”. (4)

Durante as duas grandes guerras, os próprios fotógrafos se autocensuravam, desejando desta forma colaborar com o esforço de guerra. Harold Evans, editor do *London Times*, revela no livro *Testemunha ocular* que “a maioria das fotografias que ilustraram as páginas dos jornais mundiais com respeito à Guerra Civil Espanhola era forjada; 90% da cobertura fotográfica da Abissínia, segundo estimativa de Herbert Matthews, foi encenada por fotógrafos que nem sequer se aproximaram do *front*”. (5) Esta situação iria logo se inverter, com a crescente desaprovação das sangrentas guerras neocolonialistas que eclodiram na década de 1950. Revoltados com os abusos e os repetidos massacres, os fotógrafos

passaram a denunciar a violência com crueza. Quem não se lembra, por exemplo, da fotografia de uma menina vietnamita que corre nua por uma estrada, após ter sido bombardeada com *napalm*? Ou da execução sumária de um prisioneiro vietcong pelo chefe de polícia de Saigon, Nguyen Ngoc Loan? Esta foto, do americano Eddie Adams, "vista por tantas pessoas nos jornais, transforma-se no instante em que a opinião ocidental sobre a Guerra do Vietnã toma fundamentalmente outra direção". (6)

A brecha conquistada pelos repórteres fotográficos foi gradativamente ampliada, ultrapassando inclusive os limites do suportável, e, durante os anos sessenta e setenta, a imprensa mundial foi inundada com imagens terríveis, que frisavam a escatologia: crianças morrendo de fome em Biafra, ou lutando nas ruas de Belfast; cadáveres calcinados no Sinai, execuções sumárias e linchamentos na Ásia e na África . . .

O processo, aparentemente irreversível, começou a ser brechado em 1965, quando o editor do *New York Times* recusou-se a publicar a foto de um monge budista que suicidou-se ateando fogo às vestes, e foi definitivamente freado após o Vietnã, com o desabafo do General William Westmoreland (jocosamente apelidado por seus opositores de *Waste-more-land* — "perde mais terras"): "Eu responsabilizo os veículos de informação pela perda de apoio para nossa guerra. A guerra do Vietnã foi a primeira guerra sem censura, e sem censura as coisas podem tornar-se terrivelmente confusas na cabeça das pessoas" (7).

A guerra das Malvinas prova que ao menos os governos da Inglaterra e da Argentina aprenderam a lição. Desde o início das hostilidades ficou evidente que ambos os lados pretendem manter

fotógrafos, cinegrafistas e redatores longe da zona de combate, e manipular as informações segundo os interesses específicos. Guerra da desinformação, duelo de comunicados oficiais, a guerra das Malvinas, além de ser uma guerra sem imagens, foi marcada também pela ressurreição da fotomontagem política, iniciada por Appert em 1871, quando realizou uma série de pseudo-reconstituições históricas e fotomontagens reunidas sob o título tendencioso de "Os crimes da Comuna" (8).

A revista argentina *Tal Cual* apresentou, em maio último, dois interessantes exemplos de fotomontagens políticas, quando publicou uma suposta biografia de Margareth Thatcher, dividida em duas partes. A primeira delas mostrava a ministra inglesa de tapa-olho, em cima de um enorme CULPADA! seguido de "Pirata, bruxa e assassina". Na semana seguinte, Thatcher apareceu com dentes de vampiro, acompanhada de legenda ainda mais insultuosa. (9)

Mais bem intencionado, seguramente mais talentoso e educado, o alemão John Heartfield (10) permanece como o maior autor de fotomontagens políticas. Entre os primeiros a denunciar o caráter nefasto do nazismo, Heartfield foi um opositor ferrenho e incansável de Hitler, o que lhe valeu, entre outros dissabores, o exílio. Já em 1932, por exemplo, enquanto os paulistas ridicularizavam Getúlio Vargas, através de fotomontagens que o mostravam na cadeia, como "um dos célebres pensionistas do reacionarismo outubrista", Heartfield realizava vigorosas composições antinazistas, utilizando como legendas trechos de discursos ou documentos do próprio partido (11). Infelizmente, Hitler, longe de desconhecer o poder da

fotografia como instrumento político — poder este apoiado na pretensa honestidade inerente à câmara fotográfica, tão cara à Edward Weston (12) — tinha ao seu lado um dos maiores artífices da propaganda política, Goebbels. Hitler dispunha inclusive de um fotógrafo particular, Hoffmann, com quem ensaiava, em exaustivas sessões de estúdio, as poses e expressões mais apropriadas para enfatizar seus discursos (13).

Dentro desta perspectiva de manipulação das massas através da fotografia, um paralelo curioso — isento de quaisquer conotações políticas — pode ser estabelecido entre as imagens dos colegiais berlinenses cantando *Deutschland über alles* e as crianças paulistas, igualmente travestidas em soldados, posando junto a tanques e canhões em miniatura — os mais pequerruchos até com um dedo na boca, mas todos exclamando com a mesma inocente convicção: "Se preciso também iremos".

Pedro Vasquez

#### Notas

1. Newhall, Beaumont. *Histoire de la photographie*. Paris, Ed. Béliet, 1967, p.67.
2. Roger Fenton trabalhava com o processo dito de 'colódio úmido' porque exigia a exposição da placa com a emulsão ainda úmida.
3. Christ, Yvan. *L'âge d'or de la photographie*. Paris, Vincent, Fréal, et Cie, Editeurs, 1965, p.48-50.
4. Freund, Gisèle. *Photographie et société*. Paris, Editions du Seuil, 1974, p.160-1.
5. Evans, Harold. *Testemunha ocular*. São Paulo, Abril Cultural, 1981, p.8.
6. Idem, p.62.
7. No front da notícia. *Isto é*. São Paulo, 19.5.82.
8. Nori, Claude. *Histoire de la photographie française*. Paris, Ed. Contrejour, 1978, p.24.
9. Torre, Paulo. A Argentina desvaloriza peso para financiar a guerra. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8.5.1982. No front da Notícia. *Isto é*, São Paulo, 19.5.82.
10. Vasquez, Pedro. Fotografia e política. *Photo-Camera*, Rio de Janeiro, n. 9 1980. "Alemão da nascença, Heartfield adotou este pseudônimo inglês (seu verdadeiro nome era Helmut Herzfeld) para protestar contra a propaganda oficial antibritânica."
11. Ades, Dawn. *Photomontage*. Paris, Editions du Chêne, 1976, p.12-4.
12. Sontag, Susan. *On photography*. London, Allan Lane, Penguin Books, 1978, p.186.
13. Freund, Gisèle. *Photographie et société*. Paris, Editions du Seuil, 1974, p.120.

## "CONVOCAÇÃO PARA UM COMÍCIO HOJE

Paulistas! . . . São Paulo exige a nossa presença, para que termine HOJE o ultrajante jugo em que tem vivido . . . São Paulo há de fazer hoje a sua libertação . . . Que cada qual, decidido a tudo incorpore-se ao comício promovido pela Faculdade de Direito na praça do Patriarca. Vamos ver hoje quais são os verdadeiros paulistas! Viva São Paulo Livre!"

*Folha da Noite, S.P., 23 de maio de 1932*

2. Praça da Sé







3. Estudantes na praça do Patriarca  
maio de 1932

**"Paulista! arma-te e municia-te como puderes e vem para a praça pública! . . .**

**Paulista! Mova-te, toma providências já e vem servir com os teus irmãos a terra onde dorme a tua Mãe, onde hão de dormir os teus filhos!**

**Às armas por S. Paulo, o que quer dizer — às armas PELO BRASIL!"**

*Panfleto distribuído ao deflagrar a revolução*



4. "A animação é geral. O entusiasmo chega ao delírio. O próprio povo é que, revoltado, se levanta!"

*Armando Brussole*

5. Companhia Telefônica na  
noite de 9 de julho



6. Policiamento nas ruas no  
dia 10 de julho







7 Alistamento de voluntários na Faculdade de Direito de São Paulo





8.

**"De São Paulo partiu o brado da Independência; de São Paulo também parte, agora, o brado pela Constituição".**

*A Gazeta, S.P., 11 de julho de 1932*



9. Dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo, visita a Liga de Defesa Paulista.



10. Soldados paulistas





11. "Bendito entusiasmo infantil que nos diz que esta geração pode morrer tranqüila porque há quem nos substitua no culto acendrado e forte da Pátria Livre."  
*Discurso do padre João Batista de Carvalho no Rádio Clube de Santos, 27 de julho de 1932.*





12.



13. "Um carro de assalto ideado e executado pelas crianças paulistas, que percorreu a cidade no dia 7 de setembro aos gritos de 'Se preciso também iremos!'"  
*Armando Brussolo*



14.



15.



16.

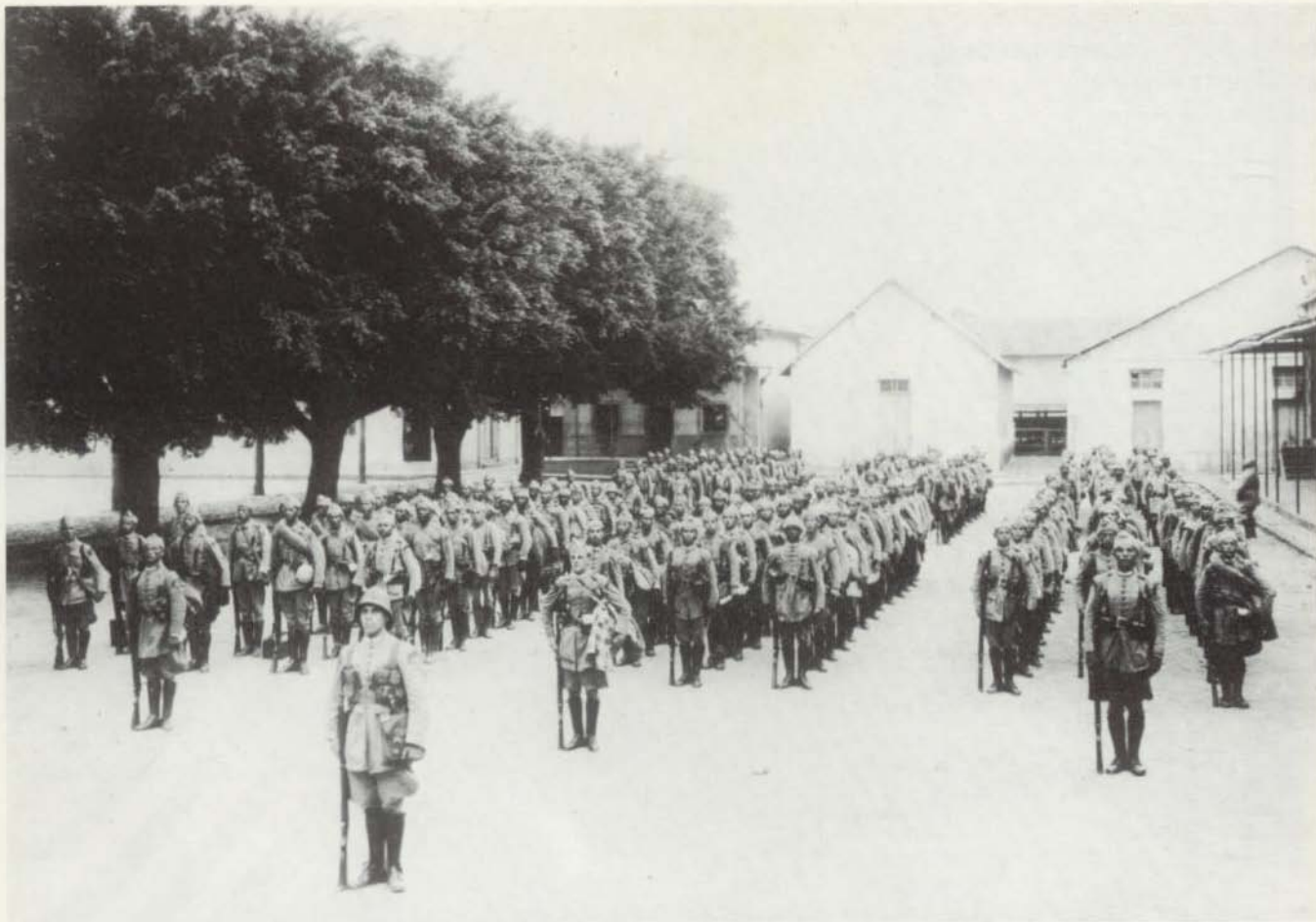


**“Então, batalhões patrióticos sem conta se formaram . . . conscientes de que defenderiam uma causa justa e nobre.”**

*José B. de Escobar Ferraz*



17. O voluntário Luís Fausto Junqueira do Esquadrão Newton Prado



18. Legalistas



19. Legalistas em São Bento





20. Capitão Aderbal da Costa Oliveira que fugiu do Campo dos Afonsos no seu Newport-delage, aderindo à revolução.

**“O concurso do elemento feminino para o êxito da nobre causa . . . revela a grandeza da alma de nossas mulheres, cujas virtudes têm sido postas à prova nesta rude campanha de trabalho e sacrifícios.”**

*A Cigarra, S.P., julho de 1932*



21 Dona Maria Fernandes fala ao Batalhão  
9 de julho.



23. Recolhendo donativos









25. No comércio de 23 de maio na  
praça da Sé



26.



27. Enfermeiras do Batalhão FERNÃO SALES

"As fábricas se transformavam, se desdobravam, se multiplicavam . . . e dos altos-fornos jorravam em catadupa crescente explosivos, balas, estojos, bombas, granadas, morteiros, bombardas, lanchas, carros e trens blindados . . ."

*Basílio Taborda*



28. Blindado paulista



**“Não há nada que comova tanto  
como os magníficos resultados  
que vêm coroando a Campanha  
do Ouro para a Vitória, de  
iniciativa da Associação  
Comercial de São Paulo.”**

*Pelo Brasil Constitucional, S.P., 19 de  
setembro de 1932*



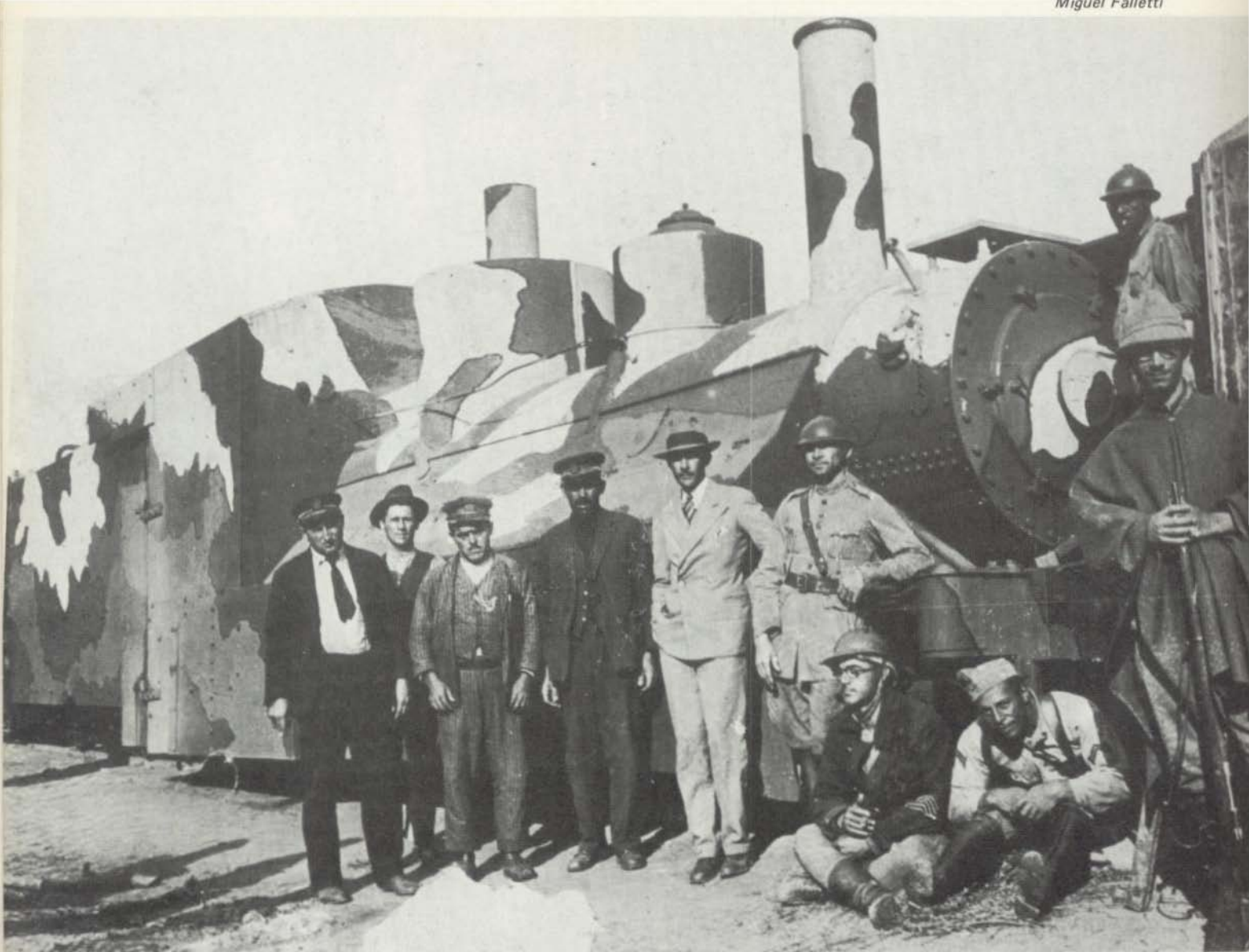
29.



30.



31. "O capacete de aço foi maravilhoso. O preço dado por ele pelas populações, está suficientemente resgatado pelas vidas que salvou."  
*Samuel Baccarat*



32. O trem blindado *Fantasma da Morte*  
da região de Mogiana



**"Ninguém, em São Paulo, passou miséria ou sofreu fome . . . Havia víveres, com fartura, em todo o território paulista."**

*Antoine Renard*



33. "Senhoras de Lorena oferecendo guloseimas aos soldados do 2º Batalhão da Liga de Defesa Paulista."

*Armando Brussolo*



34. Distribuição de víveres à população mineira pelas forças legalistas do coronel Cristóvão Barcelos

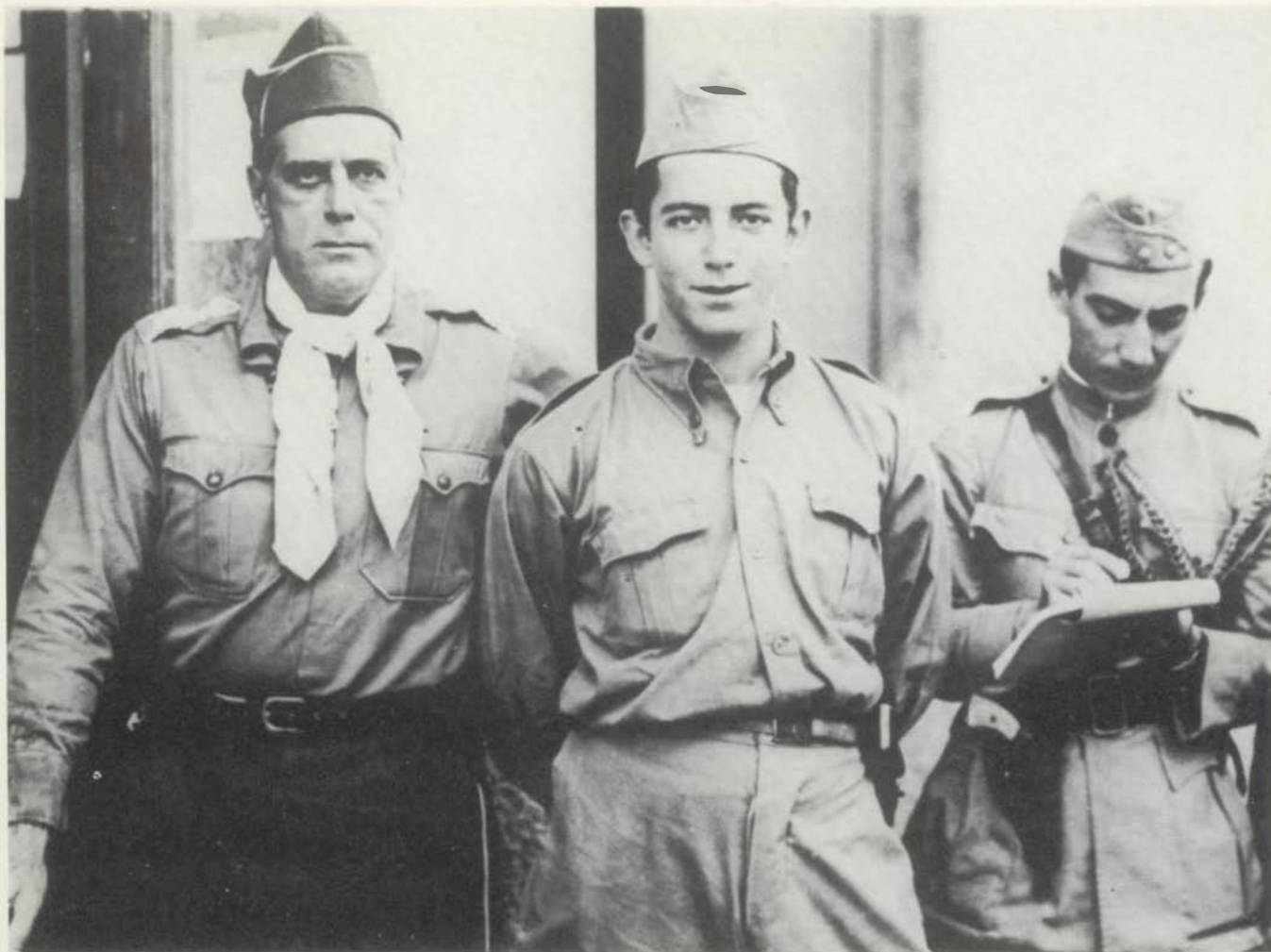


35. Soldados constitucionalistas da Legião Negra





36. Legalistas preparam a distribuição do rancho.



37. Coronel Euclides Figueiredo, comandante da 2ª Divisão de Infantaria, seu filho Guilherme e o tenente José de Figueiredo Lobo em Cruzeiro



38. General Góes Monteiro, comandante do Exército de Leste que combateu a revolução, ladeado pelo major Juares Távora e pelo coronel Cristóvão Barcelos





39. Gustavo Capanema, Secretário do Interior e Justiça de Minas Gerais, no trem-hospital das forças legalistas



40. Ao centro, capitão-médico Juscelino Kubitschek da Força Pública Mineira que combateu as tropas constitucionalistas.







42.

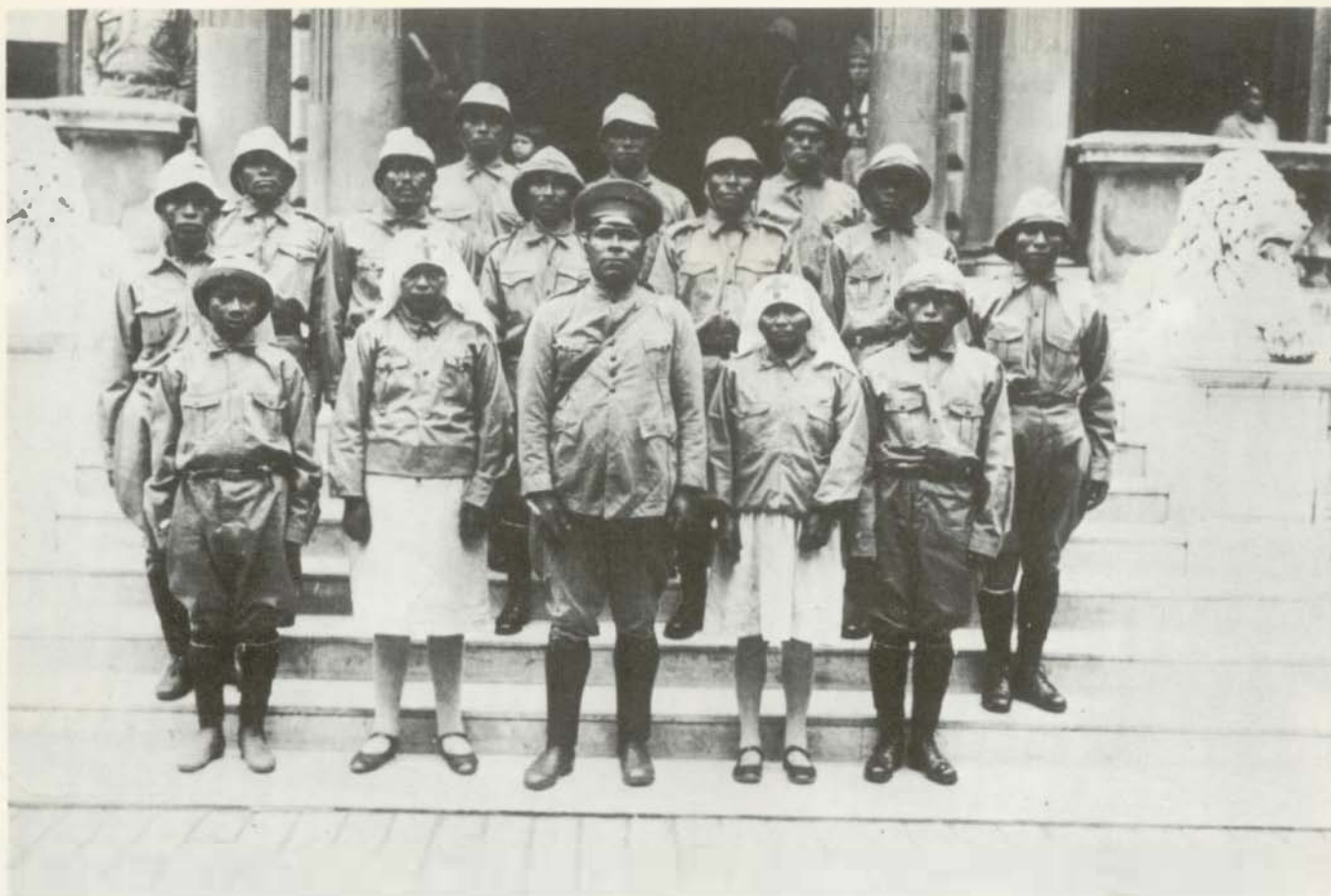
**"Marcha soldado paulista,  
Marca teu passo na História!  
Deixa na terra uma pista:  
Deixa um rastilho de glória."**

*Marcha da Liga de Defesa Paulista com letra da Guilherme de Almeida*



44. "O popular futebolista Luizinho, de fuzil em punho, pronto a partir para as linhas de frente."  
*A Epopéia de Piratininga*, S.P., 1932





45. Soldados constitucionalistas do  
Batalhão Índio



**"Que lhes importa a falta de preparo militar? As trincheiras serão a sua escola."**

*Antoine Renard*

*Miguel Falletti*



**46. Soldados constitucionalistas em  
Silveiras**



47. Soldado constitucionalista em Cunha



48. Soldado constitucionalista





49. Legalistas da frente Túnel



50. Soldados constitucionalistas  
no rio Jaguari

*Miguel Fallerti*



51. Trincheira legalista





52. Peça da Marinha em ação nas linhas de  
combate constitucionalistas



53. Ponte da rodovia Rio—São Paulo, em  
Cachoeira, destruída pelos revolucionários



54. Prisioneiros constitucionistas

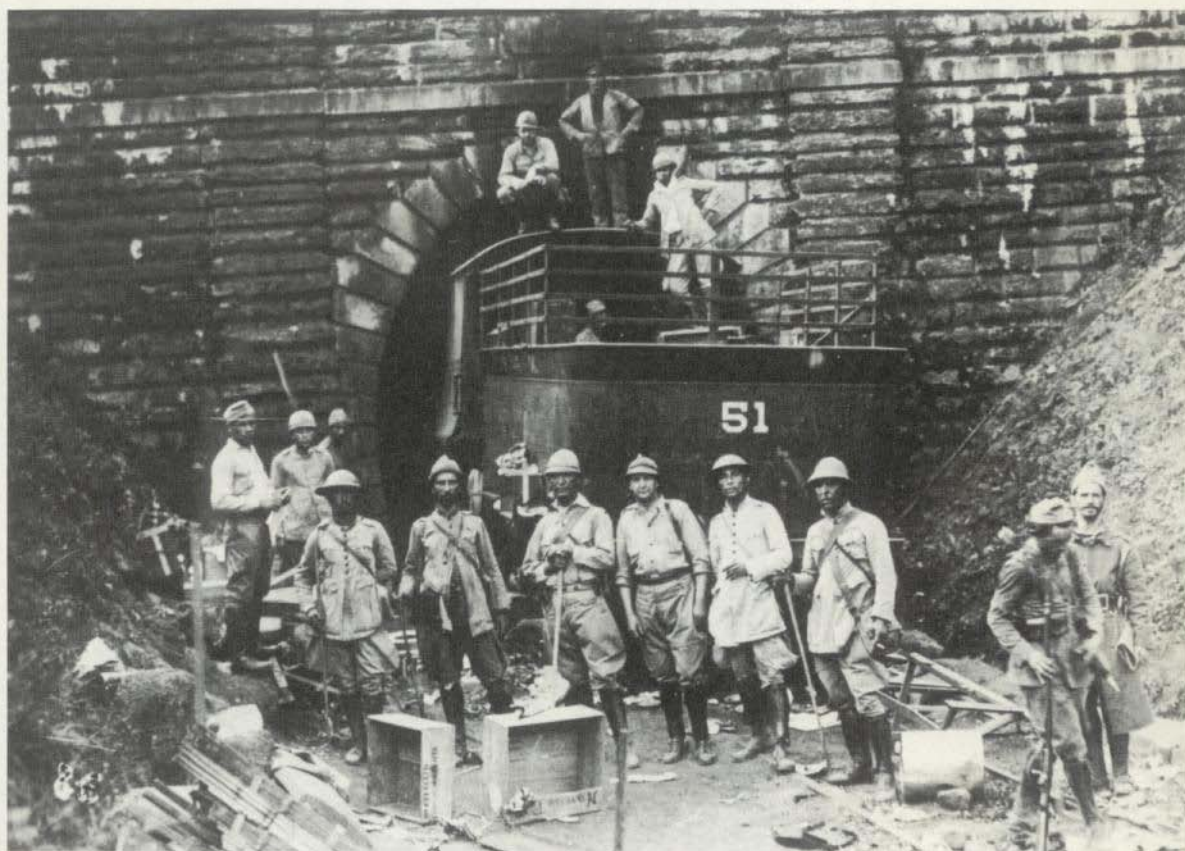


55. Prisioneiros constitucionistas  
em Manacá



" . . . Túnel, como muitas outras portas de entrada  
da extensa fronteira paulista, mais dias menos dias  
teria de ceder também à avalanche inimiga . . . "

*Antoine Renard*

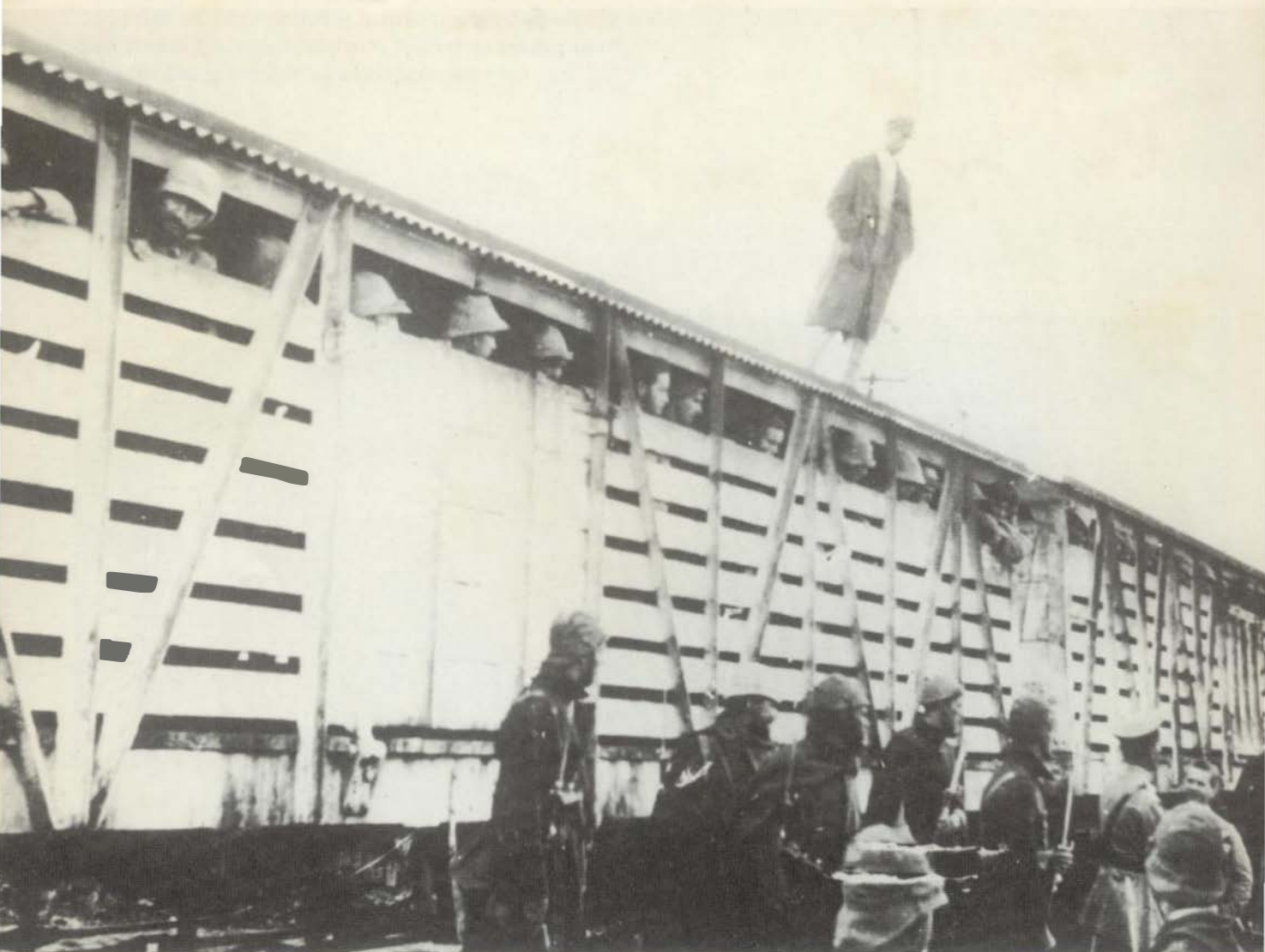


56.



57. A Estação do Túnel, ocupada pelas tropas minairas, tem seu nome mudado para Coronel Fulgêncio

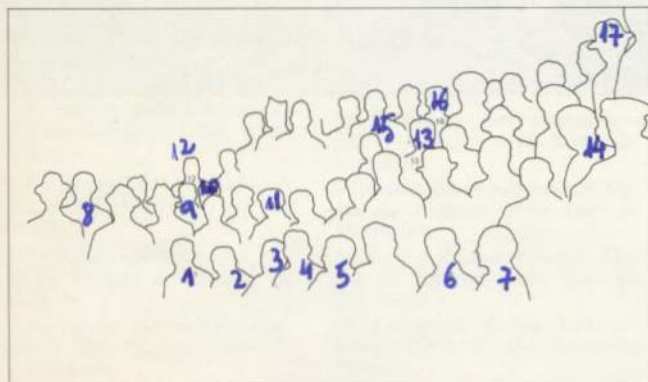




58. Soldados constitucionistas presos  
chegam a Ponta Grossa no Paraná



59. Líderes constitucionálistas a caminho do exílio



1. Álvaro de Carvalho
2. Waldemar Ferreira
3. Gen. José Luis Pereira de Vasconcelos
4. Gen. Isidoro Dias Lopes
5. Gen. Firmino Antonio Borba
6. Francisco Morato
7. Bertoldo Klinger
8. Antonio Pereira Lima
9. Guilherme de Almeida
10. Ten. José de Figueiredo Lobo
11. Manuel Pedro Vilaboim
12. Cel. Euclides Figueiredo
13. Leven Vampré
14. Aureliano Leite
15. Julio de Mesquita Filho
16. Osvaldo Chateaubriand
17. Austregésilo de Ataíde

**“São Paulo não foi vencido . . . No seu martírio de hoje, nas bocas abertas das suas feridas, no seu majestoso sofrimento há uma voz que fala à consciência do país com o mesmo ardor com que suas armas falaram nas trincheiras: dai-nos a lei!”**

*Menotti del Picchia*

*J.A. Vieira*



60. Praça em Silveiras. Junto ao chafariz foram enterrados soldados constitucionistas.



## CRÉDITOS DAS FOTOS

1. Fotografia desconhecido. Abril/Nosso Século/Cortesia Evelina Fonseca Caldeira.
2. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
3. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
4. Fotografia desconhecido. Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
5. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
6. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
7. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
8. Fotografia desconhecido. Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
9. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
10. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
11. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Col. Yasuhiko Nakamura.
12. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
13. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Col. Yasuhiko Nakamura.
14. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
15. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Col. Yasuhiko Nakamura.
16. Fotografia desconhecido. Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
17. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Doação Odete Diniz Junqueira.
18. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Col. Yasuhiko Nakamura.
19. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Col. Yasuhiko Nakamura.
20. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Doação João Batista Pereira de Almeida.
21. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
22. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
23. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
24. Fotografia desconhecido. *O Estado de São Paulo*.
25. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
26. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
27. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
28. Fotografia desconhecido. *A Gazeta*.
29. Fotografia desconhecido. Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
30. Fotografia desconhecido. *A Gazeta*.
31. Fotografia desconhecido. *A Gazeta*.
32. Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
33. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Col. Cristóvão Barcelos.
34. Fotografia desconhecido. Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
35. Fotografia desconhecido. Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
36. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Col. Cristóvão Barcelos.
37. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Doação Guilherme Figueiredo.
38. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Col. Cristóvão Barcelos.
39. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Arq. Gustavo Campanema.
40. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Arq. Gustavo Campanema.
41. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Arq. Gustavo Campanema.
42. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
43. Fotografia desconhecido. *O Estado de São Paulo*.
44. Fotografia desconhecido. Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
45. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
46. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
47. Museu da Imagem e do Som de São Paulo.
48. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Col. Paulo Florençano.
49. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Col. Yasuhiko Nakamura.
50. FGV/CPDDC/Col. Yasuhiko Nakamura.
51. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Arq. Gustavo Campanema.
52. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Cortesia do Museu do Telefone.
53. Fotografia desconhecido. Abril / Nosso Século / Cortesia do Museu do Telefone.
54. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Col. Yasuhiko Nakamura.
55. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Arq. Gustavo Campanema.
56. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Arq. Gustavo Campanema.
57. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Arq. Gustavo Campanema.
58. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Doação de Jurendir Esteves.
59. Fotografia desconhecido. FGV/CPDDC/Col. Yasuhiko Nakamura.
60. FGV/CPDDC/Col. Yasuhiko Nakamura.

## FONTES CITADAS NAS LEGENDAS

- BACCARAT, Samuel. *Capacetes de aço*; a guerra no setor norte. São Paulo, R. dos Tribunais, 1932. p.132.
- BASTOS, Joaquim Justino Alves. *Palmo e palmo*; a luta no setor sul. Pref. de Basílio Taborda. São Paulo, Paulista, 1932. p.14, 15.
- BRUSSOLO, Armando. *Tudo pelo Brasil* (diário de um repórter sobre o movimento constitucionalista). 2.ed. São Paulo, Paulista, 1932. p.18.
- CARVALHO, João Batista de. *Irradiações*; homenagem das senhoras santistas. São Paulo, Saraiva, 1933. p.67, 143.
- DEL PICCHIA, Menotti. *A revolução paulista*; através de um testemunho do gabinete do governador. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1932. p.244.
- FERRAZ, José Ben-Hur de Escobar. *A guerra no setor norte*. s.l., s.ed., 1933. p.25, 64.
- FOLHA DA NOITE, São Paulo, 23 maio 1932.
- A GAZETA, São Paulo, 11 jul. 1932.
- PANFLETO distribuído ao deflagrar a revolução. *Paulistânia*, São Paulo, (53): 7, maio set. 1955.
- O PASSO do soldado. *Pelo Brasil Constitucional*. São Paulo, 1(1). 35-36, set. 1932.
- PELO BRASIL CONSTITUCIONAL. São Paulo, 1(1). 31, set. 1932.
- RENARD, Antoine. *São Paulo é isto!* São Paulo, s.ed., 1933. p.49, 104, 111.

Nossas edições estão à venda  
na Loja FUNARTE - Rua  
México, 101 ou pelo Reembolso  
Postal - Rua Araújo Porto  
Alegre, 80 - LOJA  
20.030 Rio de Janeiro - RJ

Fotolito  
Grafcolor Reproduções  
Gráficas Ltda.  
Rua Clímaco Barbosa, 64/72

Impressão  
Imprinta Gráfica e  
Editora Ltda.  
Rua Sacadura Cabral, 111  
Rio de Janeiro, RJ



KODAK BRASILEIRA Comércio e Indústria Ltda.  
Rua Cel. Luiz Barroso, 532/66- S. Paulo  
CGC: 61.186.938/0003-02



A  
NAR  
UNART  
FUNARTE  
UNART  
NAR  
A

Ministério da Educação e Cultura  
Secretaria da Cultura  
Fundação Nacional de Arte  
Núcleo de Fotografia da Funarte

Rua Araújo Porto Alegre, 80  
20.030 - Rio de Janeiro - RJ